O Centro de Estudos Josemaria Escrivá comemorou os seus 30 anos

Completadas três décadas, o
Centro de Estudos Josemaria
Escrivá (CEJE) encontra-se num
momento de expansão e
renovação. Criado nos anos 90
como um repositório
bibliográfico sobre Josemaria
Escrivá e o Opus Dei, abarca
hoje documentação,
investigação e divulgação, com
uma projeção cada vez mais
internacional.

Em outubro de 2025, o <u>Centro de</u>
<u>Estudos Josemaria Escrivá</u> (CEJE) fez
30 anos, às portas do centenário do
Opus Dei. Começou como um fundo
bibliográfico exaustivo sobre as
publicações acerca de Josemaria
Escrivá, do Opus Dei e dos seus
membros, e é agora um espaço que
integra documentação bibliográfica,
investigação e divulgação.

Atualmente, sob a direção de Santiago Martínez, o centro almeja um futuro mais global e digital. Ao longo do seu percurso, o CEJE tem vindo a incorporar novas ferramentas e estratégias para estabelecer ligação com públicos mais amplos e diversificar as suas linhas de trabalho. Nesta entrevista, Martínez fala-nos sobre a evolução das abordagens de investigação, dos

desafios de estudar uma instituição com projeção internacional e dos projetos que marcarão os próximos anos do centro.

Como nasceu o Centro de Estudos Josemaria Escrivá (CEJE)?

O atual CEJE, então designado Centro de Documentação Josemaria Escrivá, surgiu por iniciativa de Javier Hervada (1934-2020), catedrático de Direito Canónico da Universidade de Navarra. Após a beatificação de Josemaria Escrivá, em 1992, Hervada propôs à Reitoria a criação de um centro dedicado à figura de Escrivá e à instituição que fundou. A ideia consistia em reunir e conservar a bibliografia publicada sobre o Opus Dei e o seu fundador, em diferentes línguas e países. Essa proposta levou à criação do Centro e à aquisição de numerosas obras centradas em ambos os temas.

Quais foram os marcos mais importantes no percurso do CEJE? Que projetos marcaram um antes e um depois?

A história do CEJE pode sintetizar-se em três áreas: documentação, investigação e divulgação. A primeira começou com a constituição de um fundo bibliográfico na Biblioteca da <u>Universidade de Navarra</u>. Estávamos nos anos 90, num mundo anterior à internet, em que a consulta de livros e publicações em bibliotecas universitárias era essencial para os investigadores.

O segundo momento decisivo ocorreu em 2010, quando o Centro de Documentação Josemaria Escrivá – então denominado Centro de Documentação e Estudos Josemaria Escrivá – iniciou a sua atividade de investigação, alargando assim a finalidade do centro: já não apenas

conservar bibliografia – livros, não arquivos –, mas também produzir estudos próprios sobre a <u>história do</u> Opus Dei e do seu fundador.

O terceiro marco situa-se entre 2022 e 2023, com a incorporação da divulgação dessas investigações como uma nova linha de trabalho. Isto permitiu transmitir à sociedade as nossas investigações e também a bibliografia acumulada ao longo de décadas sobre a história do Opus Dei, aproximando o seu conhecimento a públicos mais vastos.

Ao longo destas décadas, mudaram as abordagens historiográficas com que trabalham os investigadores do CEJE?

Trinta anos equivalem, mais ou menos, a uma geração. Atualmente, no CEJE convivem duas gerações de investigadores: alguns rondam os 50 anos e outros estão próximos dos 30. Cada geração traz as suas próprias

perguntas e também as suas respostas – e isso faz-se sentir.

Mais do que falar de mudanças nas abordagens historiográficas, diria que o que se alterou – ou melhor, o que se reforçou – foi a atenção ao contexto. Hoje existe um esforço consciente por situar o Opus Dei na realidade religiosa, cultural, universitária, social ou política dos lugares onde nasceu e se desenvolveu.

A isso juntam-se três linhas ou abordagens temáticas que ganharam relevância: a história das mulheres do Opus Dei; a dimensão biográfica – pois compreender vidas concretas ajuda a entender como se viveu uma mensagem –; e os estudos sobre a chegada e o crescimento do Opus Dei num determinado país, área que tem registado um avanço significativo.

E que diria a quem afirma que o Opus Dei é um tema difícil de

estudar do ponto de vista académico?

Diria que têm parte de razão... e parte não. Há uma dimensão institucional do Opus Dei que é relativamente acessível ao investigador: a sua configuração jurídica, a sua história fundacional, a sua expansão, os seus documentos oficiais. Tudo isso pode ser estudado com métodos clássicos e com bastante clareza.

A dificuldade surge quando passamos à vivência da mensagem na biografia das pessoas. Aí entram matizes, percursos individuais, experiências espirituais e sociais – e isso é sempre mais complexo de narrar e de medir. As biografias ajudam, mas não são um terreno tão fácil de delimitar.

A isto soma-se outro desafio: a expansão geográfica. O Opus Dei nasce em Espanha, mas muito cedo

se estende pela Europa, América, África e Ásia. Torna-se uma instituição global e, portanto, o seu relato nem pode nem deve ser escrito a partir de uma perspetiva espanhola. Precisamos de historiadores com sensibilidade local - argentina, chilena, nigeriana, chinesa, australiana... – que conheçam por dentro os contextos em que a Obra lançou raízes. É por isso que estamos a promover redes académicas que permitam construir essa história com vozes provenientes de diferentes lugares.

Como é que o CEJE se adaptou às novas formas de comunicação? Como está a tentar alcançar não só especialistas, mas também um público mais vasto?

Temos avançado de acordo com as nossas possibilidades. Destacaria dois marcos claros. O primeiro foi em 2010, com o lançamento da Biblioteca Virtual Josemaria Escrivá e Opus Dei. O seu objetivo foi disponibilizar ao público a produção bibliográfica existente: não apenas referências de livros e artigos, mas também, sempre que possível, os textos completos em PDF, incluindo muitos materiais já fora de catálogo. Esse projeto está diretamente ligado à origem do centro e à sua vocação de reunir e difundir bibliografia.

O segundo impulso chegou, como já referi, em 2022, com a produção do podcast Fragmentos de História e com a divulgação de material audiovisual nas redes sociais, o que nos permitiu alcançar audiências fora do mundo universitário.

Agora, em 2025, estamos concentrados em duas linhas de trabalho. Por um lado, criar um site dedicado à história do Opus Dei, pensado para formatos digitais variados. Por outro, explorar a

inteligência artificial, que permite muitas possibilidades de gerar conteúdos originais e de proporcionar um acesso mais inovador e apelativo.

O CEJE está a viver o seu 30.º aniversário pouco antes do centenário do Opus Dei (2028-2030). Como se estão a preparar para essa data?

Com grande entusiasmo. O nosso objetivo é prosseguir essas três linhas de trabalho que definem o centro: localizar e conservar o que foi publicado, promover investigação própria e difundir esses conteúdos.

Além disso, queremos comemorar este aniversário com um projeto especial: estamos a preparar uma exposição sobre a história do Opus Dei e o seu impacto, tanto dentro da instituição como na Igreja e nos diversos países onde lançou raízes ao longo de quase um século.

Como imagina os próximos dez anos para o CEJE?

Gostaria que todas as pesquisas e publicações que realizámos sobre a história do Opus Dei servissem como influência para a narrativa de outros estudiosos sobre o catolicismo e sobre esta instituição.

Conto também que possamos chegar a públicos mais vastos, não apenas os de língua espanhola. Queremos expandir o nosso alcance nos mundos de língua inglesa e francesa e conquistar espaço noutras línguas amplamente faladas, como o chinês e o russo. A ideia é partilhar histórias pessoais, análises da mensagem do Opus Dei e estudos sobre a sua expansão. Como realidade global, também merece um alcance global, e ambicionamos que o CEJE esteja à altura deste desafio.

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de https://opusdei.org/pt-pt/article/o-centro-de-estudos-josemaria-escriva-comemorou-os-seus-30-anos/ (17/12/2025)